XIX Jornada Científica
Faculdades Integradas de Bauru - FIB
ISSN 2358-6044
2024

O MAL NÃO EXISTE, MAS ELE ESTÁ ENTRE NÓS

Álvaro André Zeini Cruz[1]
[1]Professor do curso de Produção Audiovisual – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
alvaroaz@gmail.com

Grupo de trabalho: Produção Audiovisual

Palavras-chave: O Mal não existe, cinema, filosofia, existencialismo, Alegoria da Caverna.

Introdução: Esta comunicação parte da análise fílmica de *O Mal não existe* (2023), de Ryusuke Hamaguchi, para propor aproximações tanto com a corrente filosófica do existencialismo, quanto com a Alegoria da Caverna, de Platão.

Objetivos: Investigar e debater a complexidade do tema a partir da análise fílmica e do diálogo com o referencial da filosofia.

Relevância do Estudo: Em tempos em que noções como “Bem” e “Mal” são banalizadas em maniqueísmos rasos e, muitas vezes, oportunistas, o filme de Ryusuke Hamaguchi faz uma afirmação desde o título — *O Mal não existe.* Essa asserção, no entanto, se intrinca em contradições dramáticas, numa trama que traz temáticas universais, como a dicotomia essência e existência, a representação e o livre-arbítrio. Nesse sentido, o estudo pretende explorar implicações filosóficas iniciais a partir de um estudo de caso que parte do princípio de que o cinema é uma arte capaz de filosofar, de se abrir em raciocínios e hipóteses.

Materiais e métodos: O estudo recorta proposições da análise fílmica de Vanoye e Goliot-Lété (1994), dialogando ainda com a análise formalista de David Bordwell (2008). A partir de uma análise textual que prioriza questões narrativas e estilísticas, parte-se para uma aproximação de cenas e circunstâncias dramáticas com o pensamento existencialista — Sartre (2011) e Heidegger (1999), principalmente — e com a Alegoria da Caverna (Japiassú; Marcondes, 2008), que dialoga com a representação do capitalismo (e com a própria ideia de representação) feita pelo filme.

Resultados e discussões: Se desde o título, o filme de Hamaguchi afirma que *O Mal não existe*, é também verdade que essa asserção existencial é questionada pelo conjunto de teatralidades que se desdobram narrativa adentro. No filme, dois empregados (um homem e uma mulher) de uma empresa intermediadora se reúnem com uma pequena comunidade campestre para tratar da instalação de um *camping* de luxo ali. Confrontados pelos moradores apreensivos — capitaneados pelo zelador local —, esses empregados evidenciam que toda aquela tratativa é uma farsa, uma *mise en scène*, mais uma representação sistemática do capitalismo, que vive de retroalimentar experiências ilusórias: basta a representação do diálogo; a comunicação efetiva é desnecessária. Nesse sentido, a trama evoca a Alegoria da Caverna, de Platão, que defende que o mundo visível é um mundo de reflexos, enquanto a verdadeira natureza das coisas está nas ideias e nos é invisível. Por outro lado, o título existencialista continua corroborando que o Mal não é algo natural, mas resultado das escolhas advindas do livre-arbítrio humano; além disso, essa corrente filosófica costuma inverter a proposição platônica — “a existência precede a essência” (Sartre, 1987, p. 9). Assim, o que *O Mal não existe* traz é um mundo de pequenas representações orquestradas em prol da grande ilusão capitalista, que, por sua vez, influencia o livre-arbítrio dos indivíduos, conduzindo-os a escolhas destrutivas. Um paradoxo se abre: o Mal pode não ser substância, mas a repetição desse reflexo o torna, no mínimo, uma onipresença duradoura na “Caverna capitalista”, uma persistência imagética/retiniana,

ISSN 2358-6044
2024

cujos contornos ganham a impressão de concretude. Se para Sartre, não existe uma natureza humana porque o ser humano se transforma, numa contemporaneidade de humanos que replicam ações destrutivas, o Mal é uma condição (Cotrim; Fernandes, 2016) intrínseca ao *Dasein*, ao "estar-aí" (Heiddeger, 1999). "O inferno são os outros", como diz Sartre. *O Mal não existe*, mas ele está entre nós.

Conclusão: Esta comunicação apresenta uma análise inicial de um filme complexo, cuja narrativa minimalista (McKee, 2006) resulta num discurso poroso a diferentes leituras. A aproximação com o existencialismo é, desde o título, incontornável, enquanto a proposição da Alegoria da Caverna emerge como temática a partir da análise fílmica. O diálogo aqui proposto carrega — e está ciente disso — contradições e possibilidades de desdobramentos futuros, tendo em vista de que este é um primeiro risco (na polissemia da palavra) de ideias, um rascunho de proposições que demandam ainda maturação.

Referências –

BORDWELL, D. **Figuras traçadas na luz.** Campinas: Papirus, 2008.

COTRIM, G.; Fernandes, M. **Fundamentos da filosofia.** São Paulo: Saraiva, 2016.

HEIDEGGER, M. **Introdução à metafísica.** Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1999.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2008.

MCKEE, R. **Story:** substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um humanismo. In: CIVITA, Victor (ed.). **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 7-38.

SARTRE, Jean-Paul, **O ser e o nada** - Ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2011.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÈ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica.** Campinas: Papirus, 1994.

XIX Jornada Científica
Faculdades Integradas de Bauru - FIB
ISSN 2358-6044
2024

SÍLVIO SANTOS – A PERSONIFICAÇÃO DO SBT

Eduardo Trombini[1]; Wellington C. M. Leite[2].
[1]Produtor Audiovisual e Designer – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – eduardoctrombini@gmail.com;
[2]Professor do curso de Produção Audiovisual e Marketing e Publicidade – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - wellingtoncmleite@gmail.com.

Grupo de trabalho: Produção Audiovisual

Palavras-chave: TV, SBT, Sílvio Santos, Comunicação Popular, História da Comunicação.

Introdução: Dentro da disciplina de História do Audiovisual, mesmo com grande foco no cinema, sempre destacamos alguns pontos da história da TV, nacional e local. Evidentemente, ao falarmos das principais redes de emissoras de televisão do país, o SBT ocupa um lugar de destaque junto com a figura de seu proprietário, o conhecido apresentador Silvio Santos, falecido em 17 de agosto de 2024, aos 94 anos.

Objetivos: Com este artigo, fizemos uma revisão bibliográfica para destacar os pontos que merecem mais esclarecimentos sobre a trajetória de Silvio Santos. Sem a pretensão de esgotar o tema em tão exíguo espaço, mostraremos o personagem complexo que ele foi, além de compararmos, com dados, sua real importância frente a outros proprietários de emissoras televisivas e a outros apresentadores - em um esforço teórico para separar o que Sílvio Santos sempre buscou unir, sua faceta de empresário e a sua faceta de artista.

Relevância do Estudo: A figura de Sílvio Santos, enquanto personificação da Rede SBT, é de grande valia para uma academia que se quer ponte entre as Ciências e a população. Após décadas de elitismo, a universidade finalmente se volta com mais atenção e cuidado com os temas populares. Porém, com a morte de Santos, debates públicos na mídia impressa e digital voltaram a opor os que endeusavam acriticamente o apresentador e empresário e os que o demonizavam. Trazemos um posicionamento que não esconde os aspectos de uma figura complexa e longeva, mas que não desconsidera sua importância para boa parte dos telespectadores brasileiros.

Materiais e métodos: Usando a pesquisa bibliográfica sobre a TV no Brasil e algumas biografias de Sílvio Santos, além de abordagens úteis sobre as Ciências da Comunicação (como Jesús-Barbero, Maria Cristina Gobbi, entre outros), comparamos informações sobre os tópicos selecionados para a composição do artigo, especialmente no que tange à importância da comunicação popular no Brasil, com vistas a ampliar a participação cidadã.

Resultados e discussões: Uma Comunicação realmente cidadã reconhece as “vivências individuais e coletivas como parte do processo comunicativo” (Gobbi et al.; 2023). Enquanto escrevemos este artigo, o trailer do filme Silvio promete a estreia para 12 de setembro; no streaming da Disney+, a série O Rei da TV conta com 2 temporadas (2022 e 2023). Livros são inúmeros. Fora as homenagens em várias concorrentes. A maioria celebra o artista misto de empresário, seu sucesso, sua sorte e suas estratégias nos negócios e as que usava para manter a grande audiência (que o acompanhou em mais de 60 anos de carreira). Silva (2002), ao contar a história de Santos já esclarece o primeiro equívoco popular (e reforçado por Sílvio Santos): sua possibilidade de estudar contabilidade, junto com o irmão, nos anos 1940, desmente sua infância pobre. O fato de ter sido camelô é outra história: Santos não sustentava a família com suas vendas de rua, apesar de ter estudado técnicas de venda direta com outros ambulantes. Por vezes, SS preferia abrir mão de empregos como locutor (em que não podia lucrar), para vender seus próprios produtos.

Sempre empreendedor, SS seguiu trabalhando em mais de um emprego para abrir seu primeiro negócio; após esse, outros vieram. Sua estratégia era viver do que ganhava em rádio, TV, produções para circo e reinvestir todo o lucro em suas empresas e patrocinar seus próprios programas. Seu apoio à ditadura e seus contatos políticos permitiram que se tornasse dono de não uma emissora, mas de uma rede de TV. A mesma lógica circular foi aplicada à sua carreira: SS apoiou muitos artistas populares que retroalimentavam sua importância artística. Não podendo competir com as caras produções Globo, passou a apostar em enlatados que custavam 25% menos. Programas inéditos tinham por fundamento o baixo custo. Sucessos populares eram testados e abandonados com a mesma rapidez e audácia. Talvez, SS tenha sido o primeiro a escancarar os números do Ibope para sua audiência. Martins, em análise das vinhetas do SBT, aponta a aposta na alegria, na festa e na personagem símbolo da rede: o próprio SS. O discurso de vendedor, a figura sempre pronta para a aparição pública, a mítica por trás de sua vida pessoal, a linguagem simples e simpática, mesmo cometendo grosserias, fortalecendo discursos de preconceito e cometendo gafes, aproximaram a figura do “patrão” ao de um homem do povo. A intelectualidade, como lembra-nos Martín-Barbero, não o entendia: como manter a “contraposição da cultura subalterna e da hegemônica” (2021, p. 113)? Como perdoar o ricaço que ganha dinheiro com diversão popular e condena a cultura com C maiúsculo? Que tipo de resistência popular aquele tipo de programação ensejaria que não fosse alienação? E como chegar a conclusões baseadas em fatos sem culpar o povo?

Conclusão: O estudo sobre a comunicação popular avançou muito nos últimos anos, permitindo que muitos acadêmicos analisassem esse universo sem o distanciamento preconceituoso que, segundo algumas biografias de Silvio Santos, o afastaram de estudantes interessados em sua trajetória. Não é preciso muitos argumentos para defender que uma boa prática jornalística e científica deve passar longe de preconceitos de quaisquer ordens. Fato incontestável, em nossa opinião, é que Santos tornou-se um símbolo de alegria para grande parcela de ouvintes e telespectadores. Por anos, atacar seus defeitos e desconsiderar sua popularidade e importância, não aproximou a população da academia. Não se luta contra a alienação de um povo sem conseguir compreender os objetos que prendem a sua atenção. Infelizmente, SS permaneceu, por 60 anos, uma incógnita para os analistas de TV. Um desafio até para seus imitadores e concorrentes diretos. Se o foco é transformação social, a mídia cidadã não deve temer ou ter ojeriza do que é realmente popular. Ações comerciais e apelativas que dominam corações e mentes sabem o caminho.

Referências:

BATISTA, Marcia; Medeiros, Anna. **Silvio Santos** - a biografia definitiva. São Paulo: Universo dos Livros, 2023.

GOBBI, M. C.; Lopes, M. F.; Bassi, I. G.; Silva Jr., C. H. F. ABPCom: o caminhar coletivo por uma comunicação popular, comunitária e cidadã no Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 22, n. 43, 2023. Disponível em: https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1022. Acesso em: 19 out. 2024.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. R. Polito e S. Alcides. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.

MARTINS, Rafael B. F. **Resgate Histórico das Vinhetas do SBT** - a busca por um estilo sbtista. 10º Interprogramas de Mestrado Cásper Líbero, 2014. Disponível em: https\static.casperlibero.edu.br/uploads/2015/01/Rafael-Fialho.-UFMG.pdf

SILVA, Arlindo. **A Fantástica História de Silvio Santos**. São Paulo: Editora do Brasil, 2002.

XIX Jornada Científica
Faculdades Integradas de Bauru - FIB
ISSN 2358-6044
2024

POÉTICAS HUMANAS: OS DIREITOS DE TODOS NÓS, DA PRODUÇÃO À REFLEXÃO

Coletivo Produção Audiovisual 2023-2025[1]
[1]Coletivo formado pelos discentes José Arthur Rodrigues Trigo, Karina Akemi O. F. Bueno, Lucas Viana Prado, Luriê Belo Diniz e Vinícius Marciotto dos Reis, sob a orientação do Prof. Dr. Álvaro André Zeini Cruz

Grupo de trabalho: Produção Audiovisual

Palavras-chave: Videoarte, Direitos Humanos, audiovisual, identidade, sonho.

Introdução: Este resumo recorta e relata um conjunto de videoartes, realizadas na disciplina “Projeto Integrador II”, que tem como proposição uma relação poética entre Audiovisual e Direitos Humanos. Nesse sentido, o trabalho descreve como temas e trocas feitas em sala de aula estimularam a construção de um conhecimento coletivo, crítico e criativo, que culmina na realização de curtas-metragens inspirados em propostas do catálogo da 13ª Mostra de Direitos Humanos.

Objetivos: Relatar a produção dos curtas-metragens realizados na disciplina, a partir dos exercícios propostos. Refletir sobre as temáticas abordadas através de diferentes subjetividades, buscando assinalar significados autorais em proposições poéticas/metafóricas.

Relevância do Estudo: o relato serve como matéria-prima ao fomento e pensamento crítico acerca de processos criativos poéticos, no caso relacionados a proposições lúdicas que tocam a temática ampla dos Direitos Humanos. Dentro desse escopo, os trabalhos práticos atravessam questões caras à cultura e à arte: identidade, memória e o direito ao sonho assegurado por “criações de toque poético, ficcional ou dramático”, como defende Antonio Candido (2004). Os relatos, aqui pensados em texto e contexto acadêmico, partem dos próprios alunos/realizadores, que retornam às obras e processos, mas guardando, agora, uma distância temporal propícia à construção crítica.

Materiais e métodos: o trajeto pedagógico da disciplina iniciou pela leitura e discussão do Estatuto dos Direitos Humanos, para, em seguida, apresentar um recorte bibliográfico e filmográfico voltado ao recorte temático proposto pela Semana de Direitos Humanos da FIB e pelo Programa de Extensão — “mulher, gênero e audiovisual”. Desta forma, foram debatidas questões relativas ao tema, como o olhar feminino, tratado por Laura Mulvey (2018) e Tania Modleski (1979), a perspectiva da mulher negra, trazida por bell hooks (2019) e Djamila Ribeiro (2018), e a videoarte como produção ativista feminista, como defende Bárbara Hammer. Também a Residência Videoartivismo (2024), ministrada pela Profª. Sofia Sartori num período das disciplinas de PI II e Edição, contribuiu às reflexões construídas ao longo do semestre letivo. A idealização dos curtas se desdobrou das propostas indicadas no catálogo da Mostra de Direitos Humanos, e a produção audiovisual ocorreu de forma individual, tendo como material de captação os celulares dos próprios alunos.

Resultados e discussões: 5 curtas-metragens, com duração entre 20 segundos e 1 minuto e 30 segundos. A obra do aluno José Arthur Rodrigues Trigo é inspirada no exercício n° 4, que propõe a descrição de um sonho recente sobreposta à filmagem de um ser vivo não humano. Através de uma voz over reverberante, o vídeo intitulado “Sonhei com a escola” narra a peculiaridade da recorrência de sonhos que apresentam lugares e pessoas do passado do realizador, enquanto assistimos, em preto & branco, a cachorra Cacau sob o sol. A aluna Karina Akemi O. F. Bueno se baseia no Ex. 2, que parte de uma memória antiga, associando-a a um texto e a uma cor. Apresenta um vídeo que capta imagens de

arquivo de família numa tela televisiva, extravasando a cor e a textura “lavada” dos arquivos para todo o vídeo. O aluno Lucas Viana Prado realiza o Ex. 5, que sugere a busca de um documento antigo — no caso, um álbum de fotografias da infância — para refletir sobre a memória, costurando-a com a narração em primeira pessoa e a música. A aluna Luriê Belo Diniz opta também pelo Ex. 2, que sugere o resgate da memória mais antiga e a tradução dessa lembrança em cores. Para isso, Diniz reencontra reminiscências da infância na casa de praia e transcria essas imagens mentais em planos regados pela luz solar e tons terrosos. O aluno Vinícius Marciotto dos Reis também se fundamenta nesse exercício de memória, adaptando-a à linguagem literária da poesia antes de buscar as imagens. Em seguida, dos Reis faz uma contraposição poética entre os versos voláteis e a dureza das estátuas e lápides de um cemitério. Todos os trabalhos partem das proposições poéticas e se realizam como obras evidentemente subjetivas, compreendendo a subjetividade como resultado de uma interação incessante entre o *eu-humano* e o mundo (Sobchack, 2004), configurando um estar no mundo que pressupõe necessidades e direitos.

Conclusão: Este resumo conclui um processo de ensino-aprendizagem relacionado à disciplina de Projeto Integrador e ao Projeto de Extensão Institucional. Tais produções compreendem a amplitude da temática dos Direitos Humanos e a subjetividade como forma de produção crítica, provocadora de diálogos e conhecimentos construídos mutuamente. Processo de ensino-aprendizagem que resulta em produções audiovisuais poéticas e indiscutivelmente humanas, colocando em debate Direitos inalienáveis como a memória, a cultura, a arte, a identidade e o sonho.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro, São Paulo: Duas Cidades, 2004.

HAMMER, Barbara. A Política da abstração. In: PAMPLONA, Juliana; PESSANHA, Marina (org.). **Barbara Hammer - Um cinema experimental lésbico**. Rio de Janeiro: Firula Filmes, 2017. p. 9-16.

HOOKS, bell. **Olhares negros:** raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

IVO, Eliane *et al*. **13a Mostra Cinema e Direitos Humanos**. Niterói: Ed. dos Autores, 2023.

MODLESKI, Tania. The search for tomorrow in today's soap operas. **Film Quarterly.** [s.l.], p. 12-21. out. 1979.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail. **A Experiência do Cinema**. São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 520-543.

RESIDÊNCIA EM VIDEOARTIVISMO COM SOFIA SARTORI. 2024. FIB, Bauru.
RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Cia das Letras, 2018.

SOBCHACK, Vivian. **Carnal thoughts: Embodiment and moving image culture.** Los Angeles: Univ of California Press, 2004.